


# O SUJEITO INDETERMINADO NA FALA DE *VIDEOLOGS* BRASILEIROS

**Felipe Goulart\***

 <https://orcid.org/0000-0002-2490-6793>

**Como citar este artigo:** GOULART, F. O sujeito indeterminado na fala de *videologs* brasileiros. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2022. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD015095

**Submissão:** janeiro de 2022. **Aceite:** janeiro de 2022.

**Resumo:** Esta pesquisa gira em torno da multiplicidade de formas disponíveis para referência genérica no português brasileiro. Seis *videologs* provenientes de diferentes regiões do Brasil são analisados com o objetivo de revelar os fatores que governam a alternância entre essas formas, especificamente na posição sintática de sujeito. Os resultados indicam que, embora todas as formas cumpram a função básica de referência genérica, não são idênticas entre si em certas propriedades (como o grau exato de genericidade que possibilitam, ou o grau de formalidade para o qual são adequadas). A escolha dos falantes parece ser guiada pela combinação exata de propriedades adequada a cada enunciado.

**Palavras-chave:** Indeterminação. Impessoalização. Referência genérica. *Videologs*. Informalidade.

---

\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: felipevgoulart@gmail.com

## INTRODUÇÃO

■ **A** possibilidade de referência genérica é um traço comum a diversas línguas. Parece haver, quase como um universal linguístico, uma necessidade de falar sobre eventos e estados de coisas sem especificar os indivíduos neles envolvidos, mas também sem deixar de marcar a existência desses indivíduos. Trata-se, por exemplo, daquilo que se realiza em inglês como *one*, em francês como *on*, ou em português como o índice *se*. A esse tipo de referência normalmente se dá o nome *indeterminação* (CUNHA; CINTRA, 2017), ou, no caso de alguns autores, *impessoalização* (CAMACHO, 2000). Um elemento impessoal ou indeterminado é, portanto, nas palavras de Givón (1993, p. 71), aquele que “não faz referência a nenhuma entidade específica”.

Assim que o analista direciona sua atenção à indeterminação, seja no português, seja em outras línguas, um fato faz-se evidente: a indeterminação pode realizar-se sob mais de uma apresentação formal. Naturalmente, o falante pode optar por formas mais lexicais e óbvias de fazer referência a pessoas de modo geral, como *as pessoas*, *o povo* e *todo mundo*. Além disso, ele também pode eleger, para esse fim, o já mencionado índice de indeterminação de sujeito *se*. Também estão à disposição do falante alguns sintagmas nominais que, apesar de normalmente evocarem uma interpretação não genérica, também podem ser usados de modo indeterminado, como *a pessoa* ou *o cara*. Finalmente, ele pode recorrer às próprias pessoas do discurso, tanto por meio de pronomes puros quanto de locuções ou elipses. Normalmente, são o pronome *você* e o zero de terceira pessoa do plural que vêm à mente como os principais indeterminadores dessa última categoria; no entanto, como lembra Neves (2011, p. 464), até mesmo o pronome *eu* pode exercer essa função. Segundo a autora, embora essa forma pronominal seja, em princípio, altamente determinada (já que aponta para a primeira pessoa), ela também pode ocorrer em referência genérica, como na seguinte passagem:

*EU vou lá, fico dois dias fazendo curso, eles ME catequizam, ME fazem comprar uma tonelada de sabão e abrir o meu negócio* (NEVES, 2011, p. 464).

Em um caso como esse, em que o pronome *eu* é usado para fazer referência não especificamente ao enunciador do discurso, mas a um indivíduo virtual, ocorre aquilo que Fiorin (2016) rotula como “embreagem enunciativa”: uma pessoa do discurso é destituída de seu valor pessoal e numérico para passar a fazer referência a qualquer indivíduo que seja.

O que até aqui se expôs leva o analista às seguintes perguntas: se existe mais de uma forma de indeterminação, o que levaria o falante a optar por uma forma e não por outra? Se, em princípio, os falantes poderiam optar sempre pela mesma forma, por que isso não acontece? Como o grau de formalidade da situação comunicativa afeta a seleção de forma indeterminada? É para essas questões que se pretende oferecer respostas, ainda que rudimentares, nas próximas seções.

## MATERIAL DE ANÁLISE

Para descobrir as inclinações naturais dos usuários da língua, é interessante analisar produções surgidas em circunstâncias que não despertem nesses usuários o desejo de apresentar uma fala de prestígio, isto é, em circunstâncias que não suscitem o automonitoramento linguístico. Assim, com o propósito de obter

um material de análise que fosse representativo da fala relaxada e informal, esta investigação recorreu ao gênero relativamente novo dos *videologs*. Um *videolog* (ou *vlog*, ou *videoblog*) consiste, tipicamente, em um texto informal de tema livre, construído em frente a uma câmera e publicado na internet (mais comumente no site YouTube). Burgess e Green (2009 *apud* MONTANHA, 2011, p. 154) definem o *videolog* como

*[...] uma forma predominante do vídeo “amador” no Youtube, tipicamente estruturada sobre o conceito do monólogo feito diretamente para a câmera, cujos vídeos são caracteristicamente produzidos com pouco mais que uma webcam e pouca habilidade em edição. Os assuntos abordados vão de debates políticos racionais a arroubos exacerbados sobre o próprio Youtube e detalhes triviais da vida cotidiana.*

O *videolog*, portanto, une em um só gênero traços de gêneros informais como a conversação e o diário. Foi em razão do baixo nível de automonitoramento característico dessas produções que se decidiu pelos *videologs* como material de análise para a presente pesquisa<sup>1</sup>.

Quanto à composição do *corpus*, esta investigação recorreu às produções de seis vlogueiros (isto é, de seis autores de *videologs*). Para cada um desses informantes, foram escolhidas duas gravações. A seleção dos vlogueiros foi feita de modo a abranger as cinco regiões do Brasil, embora sem a pretensão de que uma amostra tão limitada pudesse levar a descobertas conclusivas sobre a variação diatópica na indeterminação de sujeitos. Mais detalhes sobre as gravações (inclusive sobre as siglas atribuídas a cada uma delas) podem ser encontrados no Apêndice.

## PROCEDIMENTOS

Embora a definição de elemento indeterminado como “aquele que não faz referência a uma entidade específica” possa parecer clara e completa quando tomada de forma isolada, definições concisas e categóricas como essa tendem a mostrar-se pouco satisfatórias quando levadas à prática, isto é, quando aplicadas à realidade pouco previsível de um texto espontâneo. Para o linguista que se vê diante de ocorrências vindas da língua em uso, a tarefa de determinar o que se enquadra em uma definição desse tipo não é tão simples quanto inicialmente se poderia supor. A especificidade não é uma propriedade binária: entre a especificidade e a genericidade absolutas, é possível pontuar gradações de diversos tipos. Em alguns casos, embora não se fale de um indivíduo específico, pode haver uma predeterminação com relação ao número ou ao gênero. É o que se nota, por exemplo, quando algum falante discorre sobre as mulheres em geral: embora não se faça referência a uma mulher específica, já fica abandonado, nesse caso, o plano da indeterminação total, visto que opera, no trecho em questão, uma restrição de gênero.

Ainda, no caso de pronomes de segunda pessoa como *tu* ou *você*, nem sempre é fácil determinar se a referência é genérica ou não, isto é, se o vlogueiro está dirigindo-se aos seus espectadores ou se está dando instruções impessoais.

1 Uma descrição mais completa dos *videologs*, bem como dos motivos pelos quais eles tendem a ser representativos do registro informal, pode ser encontrada em Goulart (2015).

Há ocorrências em que a referência é claramente pessoal, como (1). Há outras em que a ocorrência é claramente genérica, como (2). No entanto, em casos como (3), a distinção torna-se mais nebulosa:

(1) então a/se anime você também volte a estudar... (SD-1)<sup>2</sup>.

(2) e por último... foi Planejamento de Carreira que é como **você** deve administrar sua carreira... (SD-1).

(3) a realidade é diferente se você quer começar a faculdade de Jornalismo não ache que você vai chegar no primeiro dia de aula ou até no último do primeiro semestre achando que você vai pegar no microfone que você vai sair fazendo reportagem você não vai fazer NADA disso... (SD-1).

Para eliminar dúvidas quanto às ocorrências selecionadas, optou-se pelo seguinte critério: selecionar apenas as ocorrências consideradas de indeterminação absoluta, isto é, aquelas em que teria sido possível, sem grandes prejuízos semânticos, optar pela indeterminação com o índice *se*. Afinal, essa forma, segundo Neves (2011, p. 463), materializa o grau máximo da indeterminação, já que, diferentemente de *eles* ou de *nós*, não exclui nenhuma das pessoas do discurso.

Resta, ainda, uma restrição a ser explicitada. É certo que as referências genéricas podem ocorrer em diferentes posições sintáticas, como, por exemplo, a de objeto direto:

(4) mas isso tudo é só pra tapear você... (GS-1).

(5) é difícil é complicado esquecer quem nós faz sofrer... (GS-2).

Ou a de adjunto adnominal:

(6) tá tudo cortando aqui nas língua... nas coisa da gente... (GS-1).

Porém, em razão das limitações a que um artigo se obriga, julgou-se que a análise seria mais proveitosa se a investigação fosse limitada à indeterminação de **sujeito**, como a que ocorre em (7):

(7) muitas vezes **a gente** fala que no tempo dos nossos avós... era:: meio sem-gra::ça cha::to care::ta... (GS-2).

Foram também incluídas na contagem aquelas formas que desempenham o papel de sujeito indeterminado ao mesmo tempo que desempenham algum outro papel em outro nível sintático. É o caso da forma *a gente* em (8), que é simultaneamente sujeito e (parte de um) complemento adverbial:

(8) isso só serve **pra gente** fugir da nossa realidade... (PT-2).

## RESULTADOS QUANTITATIVOS

A quantificação dos sujeitos indeterminados nos 12 *videologs* escolhidos levou à seguinte tabela, em que as formas ficam elencadas em ordem decrescente de frequência:

2 O código de transcrição adotado foi o do Projeto Nurc (PRETI; URBANO, 1990), com a seguinte adição: ficam marcados em negrito os elementos contabilizados no levantamento, isto é, os sujeitos indeterminados. Outros eventuais elementos de interesse (não contabilizados neste levantamento) ficam sublinhados.

**Tabela 1** – Formas de sujeito indeterminado usadas por vlogueiros brasileiros

Forma	N	Porcentagem
<i>você</i> (ou <i>cê</i> )	51	35,92%
<i>zero</i>	42	29,58%
<i>a gente</i>	19	13,38%
<i>tu</i>	13	9,15%
<i>a(s) pessoa(s)</i>	12	8,45%
<i>nós</i>	2	1,41%
<i>o cabra</i>	2	1,41%
<i>se</i>	1	0,70%
<b>Total</b>	<b>142</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborada pelo autor.

A forma de indeterminação preferida dos falantes em análise é, claramente, o pronome *você*, ou sua variação *cê*, com 35,92% de uso. Se às ocorrências dessas formas forem somadas as ocorrências do pronome *tu*, esse valor percentual sobe para 45,07%: é essa, portanto, a frequência com que os falantes recorrem a embreagens de segunda pessoa do singular (sem contar as elipses) para fazer referência genérica.

Das opções não elípticas, o segundo lugar é ocupado pelas formas de primeira pessoa do plural (*a gente* e *nós*). Como já se podia esperar de um registro informal, os resultados mostram uma fortíssima preferência pela locução *a gente* em relação ao pronome *nós*, que, na prática, aparece como sujeito indeterminado deste *corpus* apenas duas vezes (ou três, caso também seja contada a forma elíptica).

Outro aspecto em que os resultados confirmam aquilo que se espera de produções informais é a escassez de ocorrências do *se* indeterminador, forma mais característica da língua cuidada<sup>3</sup>: o levantamento revelou apenas uma ocorrência. Beira o irônico o fato de essa única ocorrência de *se* – que é uma forma mais prestigiosa de indeterminação – encontrar-se justamente em um tipo de construção condenado pela norma padrão. Trata-se do *se* anteposto a verbo no infinitivo, artifício que já foi rotulado por Pasquale Cipro Neto (1998) como um “rococó inútil”:

(9) em relação a trabalho realmente não tem muito o que **se** fazer... (CN-2).

Curiosamente, grande parte dos sujeitos de forma *você* e *a gente* parece surgir nessas mesmas circunstâncias, isto é, ao lado de um verbo no infinitivo:

(10) então de forma alguma é legal **você** cutucar as pessoas... (RC-1).

(8) isso só serve **pra gente** fugir da nossa realidade... (PT-2).

3 O uso frequente do *se* indeterminador no registro formal fica confirmado, por exemplo, em uma análise da produção linguística do Supremo Tribunal Federal (STF), a ser futuramente publicada por este mesmo autor.

A persistência dessa forma de expressão indica que a explicitação de sujeitos indeterminados à esquerda de verbos no infinitivo – apesar de parecer supérflua sob uma perspectiva purista – supre alguma necessidade comunicativa frequentemente sentida pelos falantes.

A terceira pessoa do plural, que é “a mais citada quanto à propriedade de fazer referência genérica” (NEVES, 2011, p. 464), mostrou-se amplamente preterida pelos falantes analisados. A manifestação elíptica dessa combinação número-pessoal, frequentemente tomada como o protótipo da indeterminação (como em *Roubaram meus lagartos!*), e de fato comum em outros gêneros discursivos, representa apenas cinco ocorrências das 142 que foram contabilizadas.

Quanto ao *eu* indeterminado apontado por Neves (2011), não houve nenhuma ocorrência dessa categoria nos *videologs* selecionados. Nesse caso, no entanto, parece improvável tratar-se de uma restrição do gênero; em outras palavras, parece perfeitamente possível que um volume maior de gravações da mesma natureza das analisadas contenha ao menos algumas ocorrências desse tipo (uma vez que elas parecem compatíveis, em grau de formalidade, com o gênero sob análise).

No caso dos sujeitos indeterminados elípticos – a segunda forma preferida pelos falantes –, cabem algumas explicações. É necessário diferenciar os múltiplos elementos unidos sob o mesmo rótulo de “sujeitos indeterminados elípticos”, já que podem ser bastante diferentes entre si:

**Tabela 2** – Tipos de zero usados para referência genérica

Forma	N	Porcentagem <sup>4</sup>
retomada de <i>você</i>	2	4,76%
retomada de <i>a gente</i>	14	33,33%
retomada de <i>a pessoa</i>	1	2,38%
supressão de clítico ( <i>se</i> )	19	45,24%
Primeira pessoa do plural ( <i>nós</i> )	1	2,38%
Terceira pessoa do plural ( <i>eles</i> )	5	11,9%
<b>Total</b>	<b>42</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborada pelos autores.

Antes de tudo, interessa apontar que uma porção desses zeros – representada pelos três primeiros itens da tabela – desempenha papel anafórico, enquanto outra – representada pelos três últimos itens da tabela – não está necessariamente vinculada à retomada de entidades instanciadas em segmentos anteriores do texto. A maior parte dos zeros pertence a esse último grupo (não anafórico). Mais especificamente, a maioria dos zeros no *corpus* corresponde ao que, na variedade padrão do português, seriam as construções com *se* indeterminador:

4 Os valores percentuais foram ligeiramente arredondados para fins de diagramação.

(11) até perguntei pro doutor brincando né “doutor pode  $\emptyset$  comer cusuz com carne?” (GS-1).

(12) hm não tenho WhatsApp WhatsApp sei lá como que  $\emptyset$  fala isso daí [...] (SD-2).

Os resultados confirmam, portanto, uma tendência apontada por Cyrino (1993) e também testemunhada por Camacho (2000, p. 218): o português brasileiro parece estar caminhando rumo ao desaparecimento dos elementos clíticos, ou, ao menos, de alguns deles. Esse processo de supressão gradual abrange não apenas clíticos indeterminadores (de modo que *como que se fala* torna-se *como que  $\emptyset$  fala*) como também clíticos reflexivos (de modo que *ele se sentou* passa a realizar-se como *ele  $\emptyset$  sentou*). Como a maioria das inovações, esse é um processo que se faz mais evidente na oralidade informal.

Parcela considerável dos zeros ocorre como retomada da locução *a gente*. Não havendo, entre uma instância inicial de *a gente* e sua retomada, um sujeito de valor referencial distinto – isto é, não havendo *switch-reference* (JACOBSEN, 1967 *apud* CLANCY, 1980, p. 160) –, os falantes frequentemente optam por realizar a retomada da referência genérica por meio elíptico:

(13) **a gente** fica pra ba::ixo desanima::do...  $\emptyset$  olha no espelho  $\emptyset$  vê aquela bicha roliça na sua cara... (GS-2).

## ANÁLISE QUALITATIVA

Respondidas as questões relativas à frequência de uso das formas indeterminadas, resta buscar pistas que indiquem as motivações dos falantes por trás da escolha de cada uma dessas formas. Afinal, um dos pilares da teoria funcionalista é a ideia de que, se um falante escolhe um enunciado A e não um enunciado B, alguma motivação deve existir por trás dessa escolha (FURTADO DA CUNHA, 2010; HALLIDAY, 2004).

Nesse sentido, não se pode deixar de mencionar o efeito *priming*, visível em boa parte das ocorrências. De acordo com Bock (1986), a exposição a um estímulo prévio (o *prime*) influencia a tomada de decisão dos falantes em situações posteriores. Isso significa que os falantes tendem a reaproveitar as estruturas recentemente usadas por seus interlocutores, ou por eles próprios. Trata-se de uma automatização que auxilia o falante na (ocasionalmente árdua) tarefa de elaborar um texto. Em uma passagem como (14), portanto, é bastante provável que, após a primeira instância de *a pessoa*, todas as outras representem o resultado de uma reutilização automática, e não de uma preferência fortemente marcada:

(14) e eu não falo só de piercing tatuagem de alargador não cabelo colorido... eu falo quando também **a pessoa** é gordinha quando **a pessoa** é magrinha quando **a pessoa** é loira quando **a pessoa** ( ) roupa curta... (CN-2)<sup>5</sup>.

Há casos, por outro lado, em que a motivação por trás da escolha do falante é bastante clara. Um exemplo disso é uma passagem na qual o falante desiste de uma indeterminação com a forma *a gente*. Em princípio, uma indeterminação

5 Uma explicação mais detalhada do fenômeno *priming* também pode ser encontrada em Goulart (2015).

com essa forma só é possível quando o predicado construído é aplicável a qualquer indivíduo que seja, inclusive ao próprio falante. Na passagem em questão, no entanto, o falante parece decidir justamente que o predicado a ser construído não se aplica à sua pessoa. Assim, durante uma crítica aos hábitos reprodutivos da maior parte da população, ele abandona a forma *a gente* em favor da forma *vocês*. Nesse caso, a escolha do falante parece ser motivada por uma intenção de excluir a si próprio da referência<sup>6</sup>:

(15) os carros não saem das concessionárias “ah agora nós vamos sair por aí e vamos fazer trânsito” os carros sozinhos porque: a gente fa/ vocês fazem filhos três quatro cinco filhos e aí vocês dão carro pros filhos e eles vão pro trânsito e fazem trânsito... (PT-2).

Outra pergunta colocada anteriormente diz respeito às razões pelas quais é possível encontrar variação nas formas de indeterminação usadas por um mesmo falante, às vezes com poucos segundos separando as duas formas distintas. Pelo menos uma das possíveis motivações por trás desse fenômeno fica perceptível nas duas passagens que seguem:

(16) segundo o livro existem quatro zonas de distância que **as pessoas** mantêm da **gente**... (RC-1).

(17) e daí quando **voce** cumprimenta alguém assim... é meio que intuitivo **voce** já não se sente confortável... e aí **a pessoa** fica meio que travando uma guerra ali assim... (RC-1).

Como (16) e (17) evidenciam, a necessidade de alternar entre formas distintas de referência genérica pode resultar da necessidade de fazer referências múltiplas que, embora genéricas, sejam necessariamente disjuntas. Em (16), embora tanto *as pessoas* quanto *a gente* sejam elementos indeterminados, cada uma dessas formas faz referência a um indivíduo indeterminado diferente, independente do outro. O mesmo pode ser dito sobre as formas *voce* e *a pessoa* de (17). Não seria possível, sem prejuízo no sentido pretendido, reconstruir essas duas passagens como (16a) e (17a):

(16a) segundo o livro existem quatro zonas de distância que **a gente** mantém da **gente**...

(17a) e daí quando **voce** cumprimenta alguém assim... é meio que intuitivo **voce** já não se sente confortável... e aí **voce** fica meio que travando uma guerra ali assim...

A alternância parece acontecer, portanto, como consequência do seguinte estado de coisas: cada indeterminação instaura uma cena de que mais de uma única entidade indeterminada pode participar. Nos casos em que há, de fato, múltiplas entidades genéricas em jogo, passa a ser necessário distinguir indivíduo genérico A de indivíduo genérico B (e, se for o caso, C, D, E...). Daí a variação de formas indeterminadas (*as pessoas*, *a gente*, *voce*) vindas de um mesmo falante em um mesmo enunciado.

6 Cabe a ressalva de que, embora este seja certamente o caso em (15), sujeitos com *voce* ou *ce* nem sempre excluem a pessoa do falante (ver passagens [16] e [18]).



Uma volta à passagem (17) revela, ainda, mais uma restrição semântico-referencial na seleção de sujeitos indeterminados. O sujeito indeterminado *a pessoa* retoma uma entidade inicialmente apresentada (na posição de objeto) sob a forma *alguém*. Embora ambas as formas em questão tenham o mesmo valor referencial, não teria sido possível ao falante repetir *alguém* no momento da retomada: selecionando essa forma indefinida, o falante pareceria estar fazendo referência a um indivíduo inteiramente novo na cena. É o que fica evidente em (17b):

(17b) e daí quando **você** cumprimenta alguém assim... é meio que intuitivo **você** já não se sente confortável... e aí **alguém** fica meio que travando uma guerra ali assim...

Enquanto a forma *a pessoa* pode ser usada para fazer referência a uma entidade já estabelecida no discurso, a forma *alguém*, um pronome substantivo que não carrega nenhuma força anafórica, a cada instância de uso cria referência a um indivíduo distinto. Portanto, assim como existem casos em que o falante opta por determinada forma de sujeito indeterminado para marcar que não mais está fazendo referência a uma entidade indeterminada já mencionada (e sim a outra entidade indeterminada), também parece haver casos em que o falante seleciona uma forma justamente para sinalizar que uma mesma referência foi mantida.

Isso tudo estando posto, é indispensável apontar que a variação entre formas de sujeito indeterminado pode ocorrer também quando as múltiplas formas de referência genérica apresentam o mesmo valor referencial. É o que se nota na passagem a seguir, em que *cê* e *a pessoa* são expressões correferentes:

(18) veja bem **cê** ter muito seguidor no Twitter é o mais próximo que **cê** pode chegar de ser Deus... porque ao mesmo tempo que **a pessoa** tem muito seguidor e não consegue atender as pessoas... e os seguidores só querem ter a atenção da pessoa seguida... e ficam pedindo coisas pra ela... isso acontece também com Deus... (PC-1).

Deve, portanto, haver obrigatoriamente outras motivações por trás dessa alternância além da necessidade de gerenciar a referência a múltiplas entidades genéricas; afinal, a alternância pode acontecer mesmo quando essa necessidade não existe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apontar as razões pelas quais um falante opta por uma estrutura em vez de outra não é uma tarefa simples. Não há respostas definitivas, e as possibilidades são diversas. Tome-se como exemplo a expressão *o cabra*. Diante do fato de que as duas únicas ocorrências dessa expressão como sujeito indeterminado provêm do único falante nordestino do grupo, é possível argumentar em dois sentidos divergentes: 1. que os falantes nordestinos realmente fazem jus a certas noções estereotipadas de suas preferências lexicais, ou 2. que o vlogueiro, por querer vender-se como nordestino e, assim, conseguir mais adesão do público, proposadamente exagera os traços comumente tidos como característicos dos falantes nordestinos (hipótese em que se faz manifesta uma limitação do gênero *videolog* como fonte de material de análise).

Dubiedades à parte, alguns padrões podem, sim, ser observados com relativa segurança. Parece adequado, portanto, encerrar este artigo com algumas respostas (obviamente não conclusivas) para as perguntas levantadas na seção introdutória:

### **1 – Quais são as formas de indeterminação preferidas e preteridas no registro informal?**

Tomando como base o material analisado, as formas de indeterminação preferidas na informalidade são *você, a gente* e zero (supressão do clítico *se*), e a forma preterida é o índice *se* explícito.

### **2 – Por que acontece variação nas formas de referência genérica em uma mesma construção?**

A alternância entre formas distintas de indeterminação parece ser, ao menos em alguns casos, motivada por uma necessidade de discernir duas ou mais entidades (todas elas genéricas) em contato dentro de um dado cenário. Ao que tudo indica, contudo, essa necessidade deve ser apenas um entre diversos fatores. Obviamente, mais pesquisas são necessárias para a identificação das outras motivações em ação.

### **3 – O que leva um falante a escolher esta e não aquela forma de sujeito indeterminado?**

Como aponta Neves (2011), as diversas formas de sujeito indeterminado variam quanto ao seu grau de indeterminação. Assim, a escolha do falante por uma ou outra dessas formas parece ser orientada por uma combinação de: 1. o exato grau de indeterminação pretendido; 2. o nível de formalidade da interação; e 3. eventuais pressões de ordem semântico-referencial.

## **GENERIC SUBJECT IN THE SPEECH OF BRAZILIAN VIDOLOGS**

**Abstract:** The main focus of this paper is the diversity of expressions available to speakers of Brazilian Portuguese for generic reference. Six videologs from different regions of Brazil are analyzed with the aim of revealing the factors governing variation between forms of generic reference, specifically in the syntactic position of subject. Results suggest that, although all of these forms perform the same basic function of generic reference, they differ regarding certain properties (such as the exact degree of genericness produced, or the degree of formality for which they are suited). Speakers' choice seems to be guided by the exact combination of properties that is adequate for each utterance.

**Keywords:** Indetermination. Impersonalization. Generic reference. Videologs. Informal register.

## **REFERÊNCIAS**

- BOCK, J. K. Syntactic persistence in language production. *Cognitive Psychology*, v. 18, n. 3, p. 355-387, 1986.
- CAMACHO, R. G. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais. *Alfa – Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, p. 215-233, 2000.

- CIPRO NETO, P. O charme de se morar bem. *Folha de S.Paulo*, 28 maio 1998. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff28059808.htm>. Acesso em: 28 out. 2016.
- CLANCY, P. Referential choice in English and Japanese narrative discourse. In: CHAFE, W. L. (ed.). *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood, N.J.: Ablex, 1980. (Advances in Discourse Processes, v. III).
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2017.
- CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança no português do Brasil: objeto nulo e clítico. In: ROBERTS, I.; KATO, M. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Educamp, 1993.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 157-176.
- GIVÓN, T. *English grammar: a function-based introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. v. II.
- GOULART, F. V. *A realização do sujeito "eu" no português brasileiro informal: um estudo no gênero videolog*. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Rev. by Christian M. I. M. Matthiessen. London: Hodder Arnold, 2004.
- MONTANHA, F. A. R. P. Por um estudo dos *vlogs*: apontamentos iniciais e contribuições teóricas de Marshall McLuhan. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 153-168, 2011.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- PRETI, D.; URBANO, H. (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz: Fapesp, 1990. (Estudos, v. IV).

## APÊNDICE

Lista de abreviações			
Abreviação	Vlogueiro/canal	Região	Título do <i>videolog</i>
CN-1	Curinotizando	Centro-Oeste	Desafio da Canela
CN-2			Preconceito
GS-1	Gota Serena	Nordeste	O dia que arranquei 3 dentes
GS-2			Paquera
PC-1	PC Siqueira	Sudeste	Sonhos, Medo de Escuro e Deus no Twitter
PC-2			Crianças Feias, Poesia de Twitter e Skyrim
PC-3			Afrodisíacos, Frio e Trapacear a Vida
PC-4			Justin Bieber Maconheiro, Caça às Bruxas e Stop
PT-1	Arthur Petry	Sul	E AE #2
PT-2			É tudo merda
RC-1	Por Rachel	Norte	Como Usar Seu Corpo Ao Seu Favor
RC-2			Meninas Que Jogam Videogame
SD-1	Sidinho Pop	Centro-Oeste	1º semestre Faculdade de Jornalismo
SD-2			33 fatos sobre mim